

A madrinha e os compadres

JOSÉ NÊUMANNE

15 MAR 1994

JORNAL DA TARDE

Um episódio recente dá uma boa idéia de como a política brasileira é capaz de gerar falsos problemas e afundar em soluções mais falsas ainda. A apresentadora de televisão Hebe Camargo chamou os parlamentares de "vagabundos" e estes ficaram tão ofendidos que resolveram processá-la, ameaçando até mesmo cassar a concessão dos canais de televisão do SBT. O episódio é exemplar, porque se trata de uma balbúrdia sem sentido, na qual ninguém tem razão.

Hebe não tem razão, ao identificar na gazeta o principal problema do Parlamento brasileiro. A tragédia do Poder Legislativo em nosso país não é a ausência de deputados e senadores nas sessões, mas a presença. Ou seja, a raiz dos males institucionais não é o absentismo de Suas Excelências, mas sua falta de representatividade. De nada adianta obter um comparecimento maciço dos parlamentares nas votações, pois, na verdade, eles não representam os cidadãos brasileiros como deveriam, na base do "cada cidadão, um voto". O mal maior não está na escassez de sessões, mas no que se vota e no que se deixa de votar nelas.

De nada adianta o comparecimento maciço dos membros do Poder Legislativo se eles, por não representarem a sociedade que neles votou, se fecham num clube privado, no qual são defendidos apenas

seus próprios interesses, jamais os dos que são teoricamente representados por eles. Aliás, por isso mesmo, a revisão constitucional não anda. Os dispositivos revisionistas são rejeitados ou eternamente adiados por significarem um risco à sobrevivência do sistema de compadrio vigente no Brasil e consagrado na atual Constituição, representado pe-

mara e Senado e do corregedor Vital do Rego. Todos se apressaram em apedrejar Hebe Camargo para conseguir o aplauso cego da corporação. Tal raciocínio é idêntico ao da apresentadora, que disse ter vergonha de possuir um título de eleitor e votar, sabendo que conseguiria a consagração popular mais fácil do mundo. Da mesma forma que

democracia, a liberdade de opinião e expressão. Hebe tem todo o direito de considerar "vagabundos" os representantes do povo, mesmo que eles venham a ser os mais operosos funcionários desta nação. O que, é claro, eles não são mesmo.

Em defesa de tal operosidade, os dirigentes do Congresso brandiram as estatísticas. No ano passado, dizem eles, o parlamento brasileiro tomou 800 decisões, batendo um recorde histórico, nunca igualado, desde sua instalação, em 1826. Trata-se de um sofisma tão idiota como a acusação de vadiagem parlamentar, feita por Hebe Camargo. Não interessa o número das decisões tomadas, mas sua qualidade, ou seja, o teor de defesa dos interesses populares. Afinal, é o povão quem paga a conta.

Prova a baixa qualidade das decisões tomadas o fato de os sócios do clube privado do Congresso estarem preocupados com as críticas de uma madrinha, em vez de discutirem, com seriedade, o fim dos compadres com voto distrital e quebra de monopólios, assuntos de real interesse do cidadão e contribuinte.

A TRAGÉDIA DO PODER LEGISLATIVO EM NOSSO PAÍS NÃO É A AUSÊNCIA DOS DEPUTADOS E SENADORES NAS SESSÕES, MAS A PRESENÇA.

lo voto obrigatório, de legenda e proporcional para o preenchimento das cadeiras do Congresso Nacional. Na defesa desse **status quo**, aliam-se corporativistas e picaretas, em causa comum.

Da mesma forma, esta é a lógica que tem impedido o fluxo normal dos processos contra os deputados e senadores formalmente acusados pela CPI da Máfia do Orçamento. Como não representa nada nem ninguém, o Congresso Nacional representa a si mesmo e defende, nem sempre de forma muito disfarçada, os interesses da corporação.

Foi justamente o **esprit de corps** que ditou o comportamento de presidentes da Câ-

ma justiça romana a dúvida beneficiava o réu, na política mundial a certeza é sempre contra o Parlamento. Qualquer demagogo chinfrim conhece esse axioma.

Processar Hebe é, evidentemente, de uma estupidez incommum em políticos espertos como Vital do Rego, Inocêncio de Oliveira e Humberto Lucena. Pois a providência anunciada, em nome da honra enxovalhada da democracia, só reforçará os argumentos apressados da apresentadora de televisão em tudo quanto contém de errado. Até porque o processo denuncia um evidente despreço de políticos que se dizem democratas pelo mais elementar dos direitos da

O AUTOR

José Nêumanne,
jornalista e
escritor, é
autor de Reféns do
Passado.

